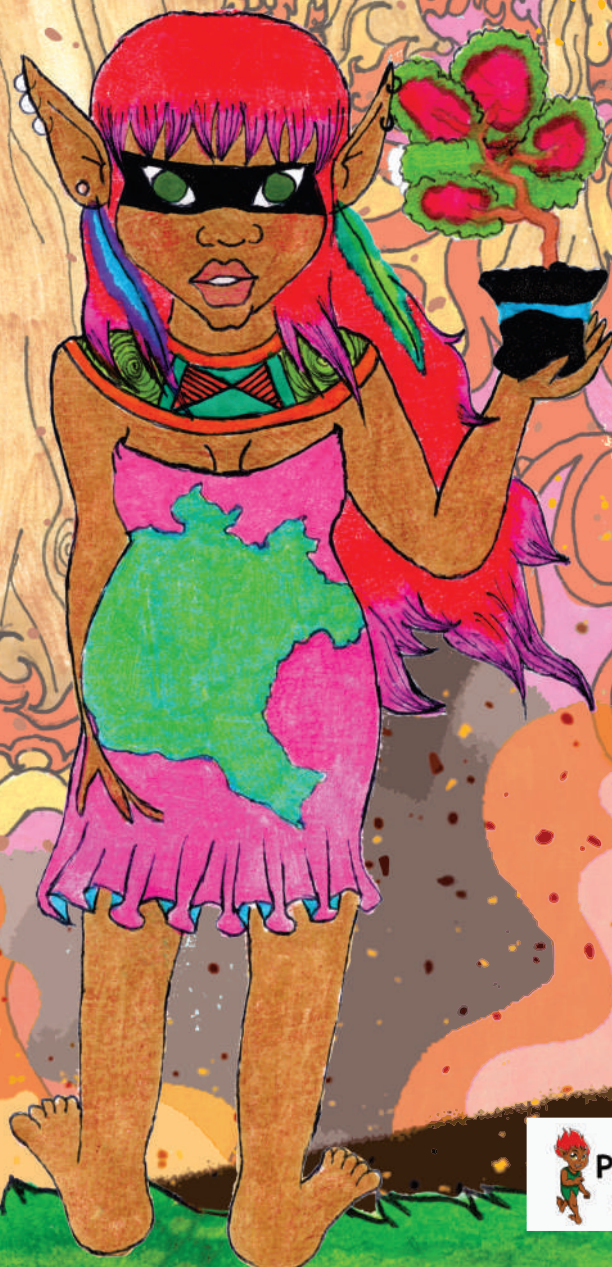


PROJETO CURUPIRA EM:

COMBATE AO RACISMO AMBIENTAL



Olá, estamos de volta! Desta vez, viemos fazer um convite à memória. Neste momento, limpe os pés na porta de entrada das suas lembranças e se permita atravessá-las com carinho. Rememorar é um exercício de autoconhecimento, então, o convite aqui é para resgatar a sua própria história.

Pense primeiro em você, em quem você é, no formato do seu corpo, na cor e na textura do seu cabelo, da sua pele. Pense nas roupas que você gosta de vestir e desde quando você gosta de se vestir assim. Você se parece com alguém?

Então, pense na sua casa. Como ela é? Tente se lembrar há quanto tempo você mora na sua casa, qual o seu lugar preferido nela, de que forma você cuida dessa casa. Pense também em quem mora com você, se são parte da sua família ou de outras famílias.

Agora, pense nos trajetos que você faz todos os dias, para a escola ou para o trabalho. Refaça esse trajeto mentalmente e tente se lembrar quais paisagens você vê quando está caminhando ou dentro de algum veículo. São paisagens mais urbanas ou rurais? Tente ainda se lembrar das pessoas que moram nessas paisagens e a forma como elas as ocupam. Existe alguma semelhança entre essas pessoas e você?

Cada indivíduo que partilha a

experiência de viver, interage de uma maneira única com o mundo. Seja na sua postura, na sua forma de agir, nas roupas que veste, nas pessoas com quem se relaciona, nos lugares onde mora, nos ambientes que frequenta. Essas interações são atravessadas por dimensões tanto pessoais quanto externas e, quando partimos da individualidade de quem somos, pouco a pouco expandimos para os indivíduos que se assemelham e se diferenciam de nós e das nossas maneiras de viver, permitindo entender a qual grupo pertencemos e qual lugar ocupamos nessa experiência.

Apesar de parecer simples conhecer e compreender nosso lugar no mundo, ao longo dos séculos de construção da história do território que hoje conhecemos como Brasil, algumas pessoas perderam o direito de conhecer, se reconhecer, compreender e viver a sua própria história. É por isso que hoje muitas lutas ligadas à raça e identidade também lutam pelo território. Você conhece alguma dessas lutas?

Ao longo desta cartilha, vamos retomar algumas dessas histórias e lutas para debater de que forma o apagamento delas contribuiu e ainda contribui para os conflitos e disputas pela terra. Conflitos que nós vivemos diariamente. Então, vamos retomar a nossa história?

COM A PALAVRA... JULIUS KENIATA

Integrante da Rede Sapoqui

Ser quilombola está muito ligado com as práticas culturais, com as manifestações profissionais, a religiosidade, o modo de vida, tradições que se mantêm, são as ligações afetivas e também biológicas. É trazer à tona toda essa ancestralidade, toda essa luta e orgulho. Para nós, o território é o direito de poder cantar, dançar, de andar da nossa forma, falar da nossa forma, viver do nosso jeito.

Ser quilombola não é apenas ter um título, um nome, é também trazer toda a ancestralidade que vem dos nossos ancestrais, e reproduzir isso hoje. Então, viver o território, estar em vínculo com ele, é muito importante, é quase uma relação umbilical. Logo, a territorialidade tem um papel fundamental na construção social, identitária das comunidades.”

REDE SAPOQUI
REDE DE SABERES DOS POVOS QUILOMBOLAS

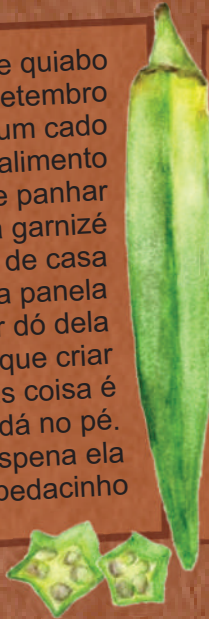
REDE DE SABERES DOS POVOS QUILOMBOLAS
Criada em 2015, no intuito de identificar comunidades quilombolas da Zona da Mata mineira, para auxiliar nos processos de certificação e titulação das terras.



SABOR ANCESTRAL À MINEIRA

Mãe plantou um pé de quiabo
Lá pro mei de setembro
Disse preu esperar um cado
Que ali vai dá nosso alimento
Janeiro, quando nasce, tá na hora de panhar
A galinha garnizé
Ajudou a manter os escorpião fora de casa
Hoje entra na panela
Vai esguelar, mas não pode ter dó dela
Pra comer tem que criar
Por que é assim que as coisa é
Com o alimento que não dá no pé.
Aí meu tio despensa ela
Limpa e corta em vários pedacinho

Pra temperar, sal, alho, cebola e tomate
Açafrão da terra pra dar cor
E aumentar a imunidade.
Frita o alho bem fritinho
Cuidado com o fogo alto
Torra bem e joga a cebola
Depois o tomate pra soltar o caldo
O quiabo já colhido, pode ir com baba ou não,
Se não gosta da babinha, refoga ele com
limão.
E aí é só juntar, frango, quiabo e tempero
Bota água pra cobrir
E cozinha até dar cheiro.



ADIVINHA QUEM ?



MARIANA NZINGA



CAROL PURI



OSSAIN



A CURUPIRA



IEMANJÁ



HELENA PURI



CURUPIRA



JULIUS



BENJAMIN CHAVIS



ABUELA GRILLO



KAÊ GUAJAJARA



IROKO

COMO JOGAR

2 jogadores

- Um jogador deve escolher uma das personagens e escrever seu nome num papel, sem deixar que o outro jogador saiba qual foi o escolhido.
- O segundo jogador fará perguntas para adivinhar a personagem escolhida pelo primeiro jogador.

Atenção! Só valem perguntas cujas respostas sejam "sim" ou "não".

COM A PALAVRA... CAROL PURI

Integrante do Movimento de Retomada Puri Uxo Txori da Zona da Mata

Sempre soube que era indígena mas não sabia se podia me afirmar, porque não sabia qual era o povo e muito menos a língua. Por ter sido criada pela minha avó, tive o privilégio de ter ouvido os repasses da cultura, do modo de viver, de se relacionar com a natureza e até mesmo os pequenos rituais. Em 2019, pude conhecer a Zengoa, o Sr Neném Lupim que, ao ouvir meus relatos sobre a história da minha família, me confirmou qual era o povo indígena da região e, a partir do reconhecimento cultural, eu soube que eu era Puri.



TERRITÓRIOS INDÍGENAS E QUILOMBOS

Você sabe o que é Cartografia Social?

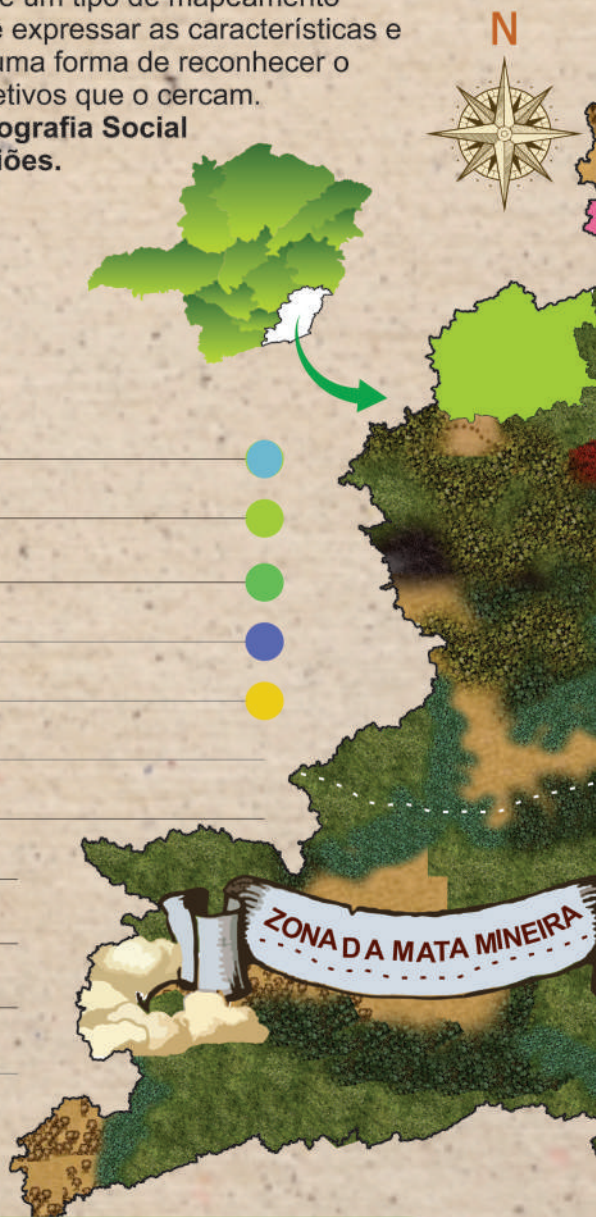
A cartografia é a ciência e a arte de fazer mapas. A Cartografia Social é um tipo de mapeamento utilizado como ferramenta na luta popular por grupos sociais. Ela pode expressar as características e as situações pertencentes aos seus territórios. A Cartografia Social é uma forma de reconhecer o nosso espaço, os elementos que compõem nossa identidade e os coletivos que o cercam.

A partir dos municípios presentes na legenda, construa uma Cartografia Social indicando saberes tradicionais e manifestações culturais das regiões.

CERTIFICAÇÃO: processo de reconhecimento histórico que se dá através de relatos, atas e declarações das comunidades que se autodeclararam quilombolas. A FCP, responsável pela emissão da certidão destas comunidades, garante também a sua inscrição no cadastro geral, que deve garantir os direitos assegurados às mesmas por lei.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES (FCP): criada em 1988, o órgão é responsável pela certificação de comunidades quilombolas, licenciar obras de infraestrutura e promover a cultura dos povos negros no Brasil.

fonte: [www;palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br)



LEGENDA

Municípios (Quilombos)

- Acaiaca
- Araçuaia
- Divino
- Ervália
- Paula Cândido
- Piranga
- Ponte Nova
- Viçosa
- Visconde do Rio Branco
- Zona da Mata (Território Indígena Puri)
- Minas Gerais



-
-
-
-

MOVIMENTO INDÍGENA DE RETOMADA PURI UXO TXORI

Atua na luta pelo fortalecimento cultural e reconhecimento da identidade indígena, em prol do contexto urbano que habita a região da zona da mata de minas, na busca por direitos e reconhecimento.



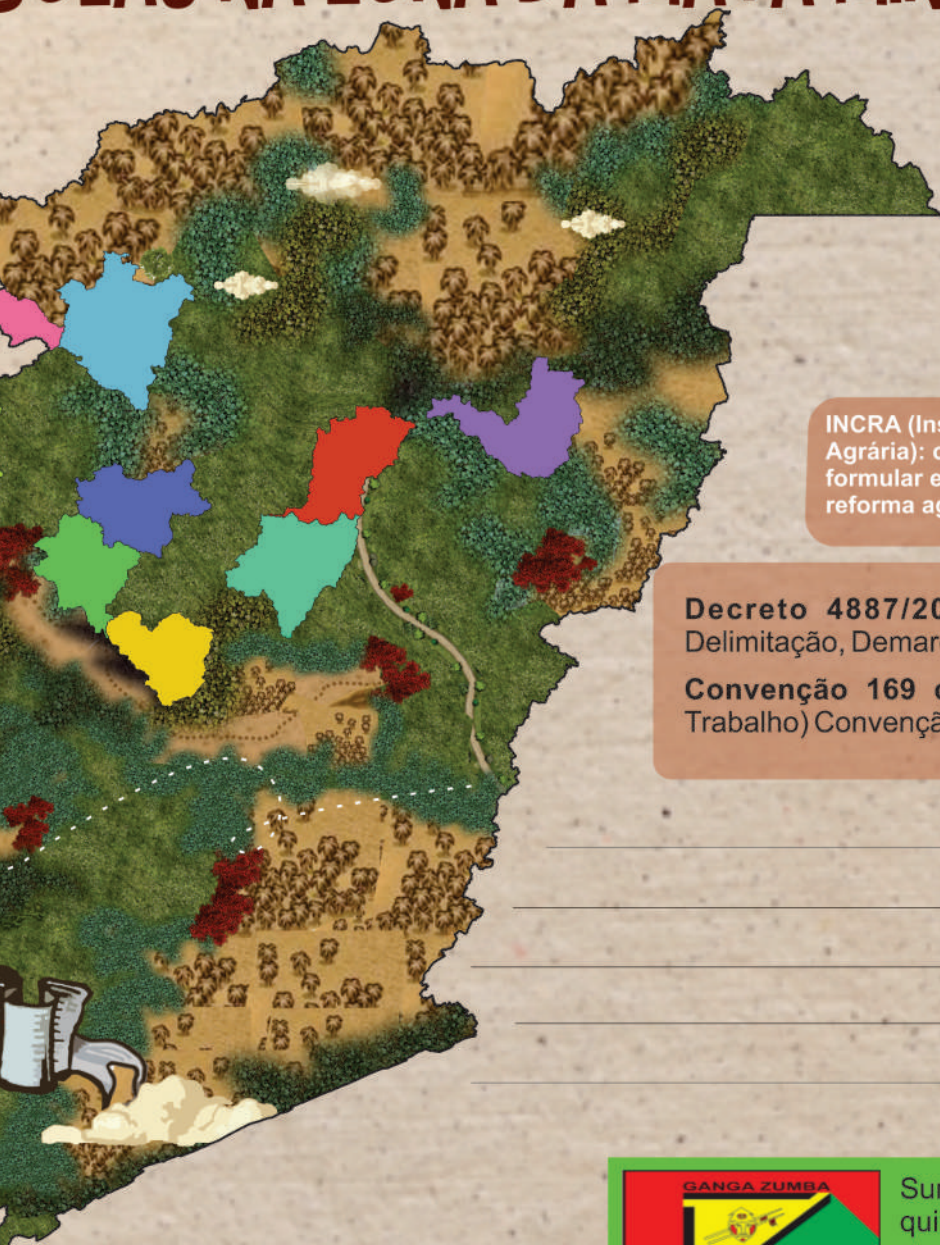
COM A PALAVRA... HELENA PURI

INTEGRANTE DO MOVIMENTO DE RETOMADA PURI UXO TXORI DA ZONA DA MATA

Para nós do movimento indígena Puri Uxo Txori, o território é o lugar onde estão nossas raízes, as origens da nossa família e a história antiga nesse lugar. É nesse território que guardamos nossas memórias e construímos nossa identidade e cultura, resistindo às adversidades. Mesmo com os desafios que enfrentamos, como a degradação ambiental, não deixamos de ver a terra como nossa mãe e entendemos que ela precisa urgentemente de cuidado para que não continuemos doentes como ela está.



BOLAS NA ZONA DA MATA MINEIRA



TITULAÇÃO: Após a emissão do certificado, é iniciado um novo processo para aquisição do documento definitivo da posse da terra, a titulação. Este documento garante a propriedade e a autonomia da comunidade em seu território.

INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária): criado na década de 70, o papel do Instituto é formular e executar a política fundiária nacional, a reforma agrária.

Decreto 4887/2003 - Decreto de Reconhecimento, Delimitação, Demarcação e Titulação de Terras.

Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) Convenção Sobre os Povos Indígenas e Tribais.



Surgiu em 1988, na comunidade de Fátima, quilombo urbano, através da organização de mulheres, com o intuito de resgatar as danças afros da localidade.

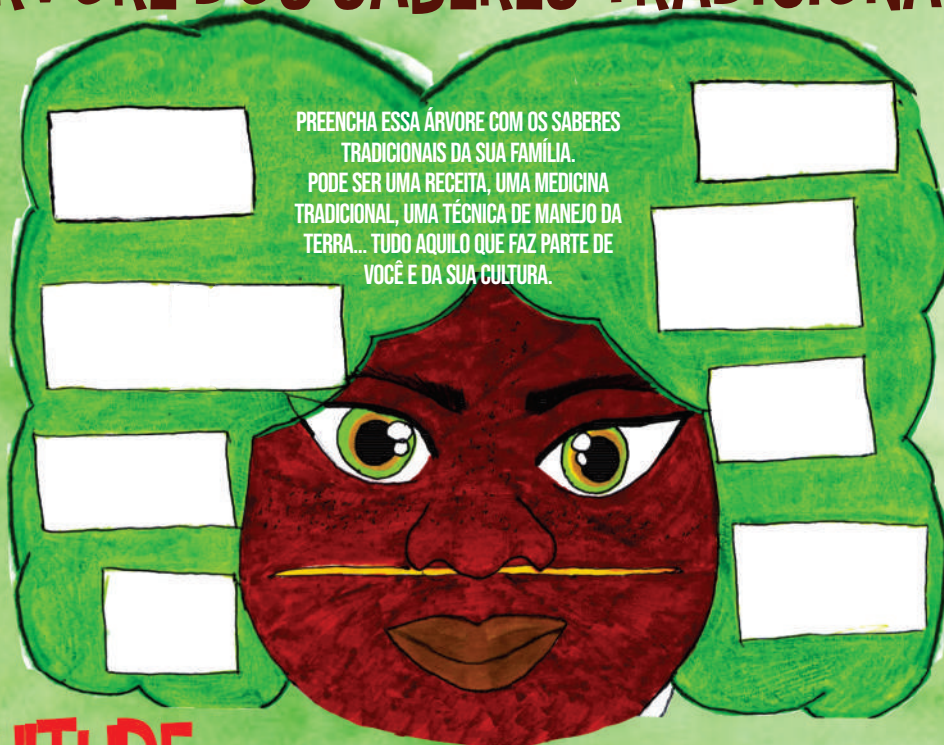
COM A PALAVRA... MARIANA NZINGA

INTEGRANTE DO GRUPO AFRO GANGA ZUMBA

Ser quilombola é ser uma pessoa resistente a todas as mazelas da sociedade e ser uma pessoa que acredita numa forma ancestral que vem dos nossos antepassados e que nos move e orienta e, principalmente, que nos fortalece para permanecermos sempre em luta. Ser quilombola é ser livre pra lutar, consciente que tem uma história de luta e resistência antes da minha chegada. Quilombo é lugar de estratégia, da minha vida no Ganga, é tudo. É minha base. Você não consegue construir uma casa sem uma base sólida, se não a casa cai. Se eu não caí até hoje é porque tive uma base que é o Ganga Zumba.



ÁRVORE DOS SABERES TRADICIONAIS:



PREENCHA ESSA ÁRVORE COM OS SABERES TRADICIONAIS DA SUA FAMÍLIA. PODE SER UMA RECEITA, UMA MEDICINA TRADICIONAL, UMA TÉCNICA DE MANEJO DA TERRA... TUDO AQUILO QUE FAZ PARTE DE VOCÊ E DA SUA CULTURA.

BRANQUITUDE

A branquitude é um lugar confortável onde se olha o outro com uma lente que não olha a si mesmo. Nada tem a ver com a cor branca, que se trata do tom da pele. A Branquitude é uma ideia que faz com que pessoas brancas se sintam superiores a pessoas negras, indígenas e outros grupos raciais. Essa ideia faz com que os brancos queiram proteger seus privilégios historicamente adquiridos, defendendo que suas conquistas são méritos individuais frutos dos seus esforços. Portanto, apenas ter consciência desses privilégios não é suficiente. É preciso abrir mão dessa ideia de superioridade racial, do olhar predatório para a natureza e os povos que a ocupam. É preciso, principalmente, abrir mão de seus lugares de poder para combater o modelo estrutural racista.

LIGUE O MITO

Quilombos só existiram na época da escravidão.

Não existem indígenas nas universidades brasileiras.

Quando acabou a escravidão, o racismo também acabou.

A questão de classe tem somente a ver com questões financeiras e não com a raça.

No Brasil só existem indígenas aldeados e não nas cidades.

No Brasil, a mistura de raças terminou em harmonia e tolerância.

AO FATO

No século XXI, a população negra continua sendo a maior vítima de violência, mortes, desemprego e de analfabetismo.
Fonte: REVISTA PIAUÍ. Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil.

Segundo o Censo do IBGE de 2010, mais de 40% dos indígenas brasileiros vivem fora de terras reconhecidas.
Fonte: IBGE, 2023

As taxas de homicídio de pessoas negras, crescem a cada ano, enquanto a taxa de homicídios de não-negros diminui no mesmo.
Fonte: BRITO, Maíra de Deus. Não. Ele não está. Curitiba: Appris, 2018.

As desigualdades raciais são importantes indicadores das desigualdades sociais no Brasil, e mostram uma maior vulnerabilidade das populações de cor ou raça preta, parda e indígena.
Fonte: Estudos e pesquisas IBGE, 2020.

O IBGE calcula que o Brasil possua 5.972 localidades quilombolas, divididas em 1.672 municípios brasileiros.
Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)
<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html>

Entre 2000 e 2010 o IBGE já indicava um crescimento de 157% de indígenas matriculados no ensino superior.
Fonte: Censos Demográficos do IBGE, 2000 e 2010.

RACISMO AMBIENTAL

A atual forma de produção e de exploração da natureza, não se propõe a respeitar e garantir a continuidade dos saberes dos povos tradicionais e seus modos de vida. Esta forma de exploração, que desrespeita o meio ambiente, afeta de forma desigual as diferentes populações.

Os locais onde são despejados lixos e rejeitos das cidades e indústrias, os costumes discriminados ou socialmente reprimidos, e as populações retiradas de seus territórios para construção de grandes empreendimentos, não são formados pelas mesmas pessoas que habitam grandes condomínios, que frequentam locais conhecidos como nobres, tampouco locais onde shoppings, grandes lojas ou comércios se estabelecem.

Assim como a desigualdade social no Brasil separa as pessoas em grupos, com diferentes acessos e possibilidades, os povos atingidos são também afetados de forma desigual.

Chamamos de Racismo Ambiental estas desigualdades expressas no meio ambiente, que impedem algumas pessoas ou grupos de viverem em liberdade com seus modos de vida, alimentação saudável, água potável, saneamento básico ou direito à terra.

O racismo é uma prática de discriminação contra um determinado grupo, cultura ou raça. O racismo ambiental, por sua vez, é um termo que retrata e reflete a precariedade das condições dos territórios em que populações pobres, negras e tradicionais são submetidas como consequência de um sistema econômico predatório.

AGROECOLOGIA

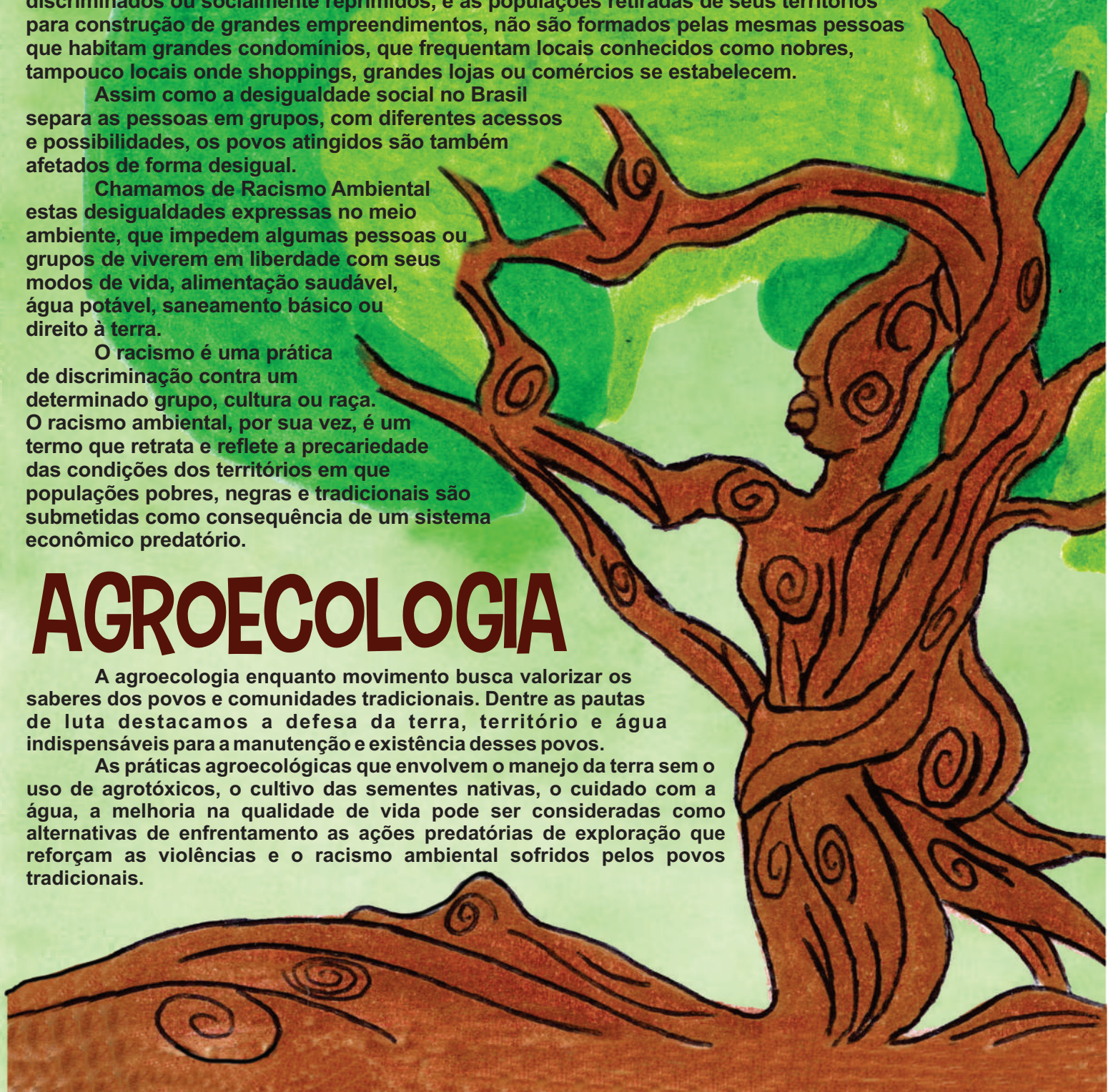
A agroecologia enquanto movimento busca valorizar os saberes dos povos e comunidades tradicionais. Dentre as pautas de luta destacamos a defesa da terra, território e água indispensáveis para a manutenção e existência desses povos.

As práticas agroecológicas que envolvem o manejo da terra sem o uso de agrotóxicos, o cultivo das sementes nativas, o cuidado com a água, a melhoria na qualidade de vida pode ser consideradas como alternativas de enfrentamento as ações predatórias de exploração que reforçam as violências e o racismo ambiental sofridos pelos povos tradicionais.

GAMELEIRA

A Gameleira é uma árvore da família da figueira. A história de sua origem é incerta, mas sua presença já foi descrita em vários países ao redor do mundo, desde a Antiguidade. No Brasil, esta

árvore foi descrita por um viajante no século XVII. Para alguns povos, e na cultura afro-brasileira, ela é a representação de Irôko, orixá do tempo e guardião das árvores centenárias. Desmatar ou atacar a gameleira é uma atitude de desrespeito à Irôko e a tudo que ela representa.



OUTRAS HEROÍNAS: A DONA DA ÁGUA!



Já imaginou ter o poder de fazer água boa brotar só com o canto? Direjná (ou Abuela Grillo) é uma heroína da tradição oral do povo Ayoreo, da Bolívia. A tradição conta que, por onde Direjná passasse ecoando seu canto de amor, água abundante brotava, trazendo alegria e prosperidade por seus caminhos.

Como em diversas histórias do mundo, a água sempre foi um bem cobiçado pelas culturas que tem a dominação e a conquista como alicerces, e com o poder de Direjna não foi diferente. Em um momento infortúnio nossa heroína cai nas mãos de homens predatórios que exploram seu poder até a última gota. Foi necessário muita força e coletividade e coragem para enfrentar e vencer esses homens-predadores. Esta tradição oral foi adaptada, em 2019, para um emocionante curta metragem que retrata a história completa dessa heroína do povo Ayoreo.

Vale a pena conferir? Disponível no link:
<https://www.youtube.com/watch?v=5EwnrJDmi74>
ou no Qr Code ao lado.



MUSEU DA CULTURA PURI

O Museu da Cultura Puri, situado no Rio de Janeiro, conta com obras de arte e artefatos que contam um pouco da cultura da etnia indígena Puri. O museu faz um trabalho inédito de restauração da história Puri.

AGORA VAMOS ESCREVER UMA CARTA PARA SUE AMIGUE SOLIDÁRIE?!

Temos algumas sugestões para você elaborar sua carta:

- A primeira coisa é cumprimentar sue amigüe solidárie. Conte como você e sua família estão;
- Fale sobre sua escola, o que você mais gosta de fazer e quais suas aulas favoritas;
- Conte sobre o lugar onde você mora, se há tratamento de esgoto, coleta regular de lixo, e distribuição de água;
- No lugar que você mora, ou próximo a ele, tem algum aterro sanitário (lixão)?
- Você conhece alguma festa tradicional ou outra manifestação cultural do local onde mora? Conte um pouco sobre as tradições que conhece!
- O que você gostaria que fosse melhorado na sua comunidade?
- Fale um pouco sobre o que aprendeu hoje com o CTA;
- Como você acha que a Agroecologia pode contribuir no combate ao racismo ambiental?
- Para terminar, é só se despedir dizendo "até logo", "tchau" ou mandando um "abraço ou beijo".
- **E não esqueça de assinar seu primeiro nome!**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Projeto Curupira em : combate ao racismo ambiental / coordenação Rute Santos. -- 1. ed. -- Viçosa, MG : CTA-ZM, 2023.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-00-67777-5

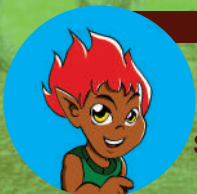
1. Agroecologia 2. Degradação ambiental - Aspectos sociais 3. Educação ambiental 4. Injustiça 5. Meio ambiente 6. Mudanças climáticas I. Santos, Rute.

23-152863

CDD-304.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Racismo ambiental : Ecologia humana 304.2
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129
Edição: Editora AMEPOEMA



PROGRAMA EDUCAÇÃO E AGROECOLOGIA

EQUIPE CURUPIRA - CTA / ZM
www.ctazm.org.br || fb.com/ctazm
Sítio Alfa - Violeira - Zona Rural de Viçosa
Minas Gerais - Brasil - CEP: 36.570-000
ISBN: 978-65-00-67777-5

Coordenação:

Equipe técnica:



Rute Santos



Flávia Santos



Simone Maulaz

Estagiárias



Rafa Ferreira



Lucas Brandão



Solana Souza



Juliana Monteiro



Jayne Mayrink



Jheyko Braz



Jeane Silva

Colaboradores: Carol Puri; Dauá Puri; Helena Puri; Julius Keniata; Mariana Nzinga, Jaqueline Zeferino || Revisão: Wanessa Marinho || Edição: Editora Ameopoema